



## O ANIQUILAMENTO DO ELE: A AUSÊNCIA REPRESENTÁVEL DE MEURSAULT NA OBRA O ESTRANGEIRO, DE ALBERT CAMUS

SILVA, ANDRÉ RODRIGUES DA<sup>1</sup>;  
NEUMANN, DAIANE<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas– andresilva537@gmail.com 1

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – daiane\_neumann@hotmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

Partindo do ponto de vista benvenistiano, no qual o *ele* pode ser uma infinidade de sujeitos ou nenhum, este resumo expandido visa a realizar um estudo sobre o papel desse pronome na figura de Meursault, personagem-narrador da obra *O Estrangeiro* (2014), de Albert Camus. A teorização acerca dos pronomes e da subjetividade, proposta por Émile Benveniste, traz luz à abertura para um estudo de interface entre língua e literatura com base nas discussões da seção *Homem na Língua* do livro *Problemas de Linguística Geral I e II*. Em *Estrutura das relações de pessoa no verbo* (1946), do livro *Problemas de Linguística Geral I* (2005), Émile Benveniste observa dois valores do *ele*: em situação de reverência; em situação de menosprezo. Ambas ações fazem alusão ao afastamento do pronome *ele* da instância discursiva que há entre os pronomes *eu-tu*. A questão norteadora do trabalho discorre sobre de que modo ocorre o trajeto do personagem-narrador na obra, enquanto sujeito presente e ausente no espaço discursivo. Ademais, buscarei respaldo na teorização advinda de Dufour em *Os mistérios da Trindade* (2000), onde o filósofo, partindo de Benveniste, nos diz que o *ele* por mais que ausência na reversibilidade de *eu* e *tu*, ainda se faz representável na instância discursiva. Essa ponte na teoria de Dufour evoca algumas teorizações, sobretudo no campo filosófico, acerca das quais apontarei alguns encaminhamentos ao final dos meus resultados e discussão. Justifica-se esse trajeto pois tanto a obra literária, quanto os estudos de linguagem evocam discussões sobre a subjetividade (o *eu*), sobre intersubjetividade (a relação dual na instância do discurso) e sobre cultura (a relação trinitária).

### 2. METODOLOGIA

O método para este trabalho é de ordem analítica e proponho um estudo pronominal a partir dos princípios que fundamentam a teoria pronominal de Émile Benveniste para que, em seguida, possa ser trabalhada a ampliação teórica feita pelo filósofo Dany-Robert Dufour em *Os Mistérios da Trindade* (2000), fazendo com que a base teórica sirva como método de análise da obra literária, enriquecendo a discussão sobre língua, linguagem, cultura e literatura.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em *Natureza dos Primos* (1956), Benveniste propõe que os pronomes não constituem formas únicas, mas “espécies diferentes segundo o modo de linguagem do qual são os signos” (BENVENISTE, 2005, p. 277). Enquanto há forma, no que concerne ao uso da sintaxe da língua, há as produções de sentidos

que se constituem diante das “instâncias do discurso” (2005, p. 277). Com isso, os pronomes se constituem como problemas de linguagem e de língua, promovendo, assim, a não desassociação entre linguagem e língua.

Quanto à teorização pronominal proposta por Benveniste, há dois planos que precisam de atenção: as correlações de pessoalidade, em que se tem o *eu-tu* em oposição à não-pessoa, o *ele*, e de subjetividade, na qual se tem o *eu* se opondo ao *tu*, pois o *eu* é sempre transcendente ao *não-eu*, no caso o *tu* e, com isso, institui-se a intersubjetividade diante desse *eu* que se propõe como sujeito. No texto de 1946, *Estrutura das relações de pessoa no verbo*, Benveniste afirma que o *ele* “pode servir de forma de alocução em face de alguém que está presente quando se quer subtraí-lo à esfera pessoal do ‘tu’” (BENVENISTE, 2005, p. 254), como também “em testemunho de menosprezo, para rebaixar aquele que não merece nem mesmo que alguém se dirija ‘pessoalmente’ a *ele*” (2005, p. 254).

Segundo Teixeira (2012), na interpretação de Dufour sobre o estudo dos pronomes, “em Benveniste encontramos também o reconhecimento de uma amplitude que autoriza a transcender o âmbito da linguística como tal” (TEIXEIRA, 2012, p. 77), ou seja, a constituição do homem na língua permite que o estudo da linguagem possa estender-se a outros domínios de conhecimento, tais como a literatura e a filosofia. A experiência do acontecimento, de uma nova experiência humana no discurso, evoca uma trindade natural entre aquele que enuncia. Para Dufour, aquele que fala está sempre pondo em ato o trinitário. Para tanto, não se tem mais a diáde *eu-tu* e a outra diáde binária *eu-tu/ele*, mas sim o conjunto trinitário *eu-tu-ele*, pois a ausência denotada no campo de presença pela terceira pessoa é uma “demarcação de ausência” (DUFOUR, 2000, p. 92) que simboliza o espaço discursivo.

Propondo ao discurso a presença da ausência denotada por ele, a alteridade que se constitui no *aqui e agora* está, a cada passo, estabelecendo-se através da experiência na linguagem, tendo o *ali* e a *ausência* como constituidoras, também, das condições de discurso, como aponta Dufour na sua obra. Com isso, o trinitário ganha lugar ao persistir em uma continuidade da existência e, para isso, sustenta, através dos sujeitos, os consentimentos sobre as alternâncias que a existência do homem pode experienciar através dos atos que surgem na reversibilidade pronominal.

Tal demarcação de ausência evidencia na ausência a presentificação daquele de quem se fala, ou seja, no contexto literário, ao utilizarmos a obra como análise, podemos evidenciar o pronome *ele* como, também, aniquilado e colocado fora da instância discursiva, mesmo que ainda representável. Esse aniquilamento se dá pelo ofuscamento desse sujeito, desse personagem da obra, onde temos uma voz do diálogo proposto no texto sendo silenciada. Segundo Dufour “o *ele* porta em si uma negação que não pode assumir totalmente” (2000, p. 112) por ser, justamente, uma representação à ausência proporcionada no diálogo do *eu-tu*.

Em *O Estrangeiro*, obra de 1942 e escrita pelo filósofo franco-argelino Albert Camus, temos um personagem-narrador, chamado Meursault, que transcorre na sua relação intersubjetivante na primeira parte da obra, participando das trocas pronominais com os outros personagens e também narrando a história para o leitor: “O diretor continuou a falar. Mas eu quase não o escutava mais. Em seguida, me disse: - Imagino que deseje ver sua mãe! Levantei-me sem nada dizer e acompanhei-o até a porta” (CAMUS, 2018, p. 15). Porém, ao final da primeira parte, após cometer um assassinato, Meursault é julgado e a troca pronominal deixa de ocorrer em alguns momentos, fazendo de Meursault uma ausência no campo de presença de *eu* e *tu*.

O *ele*, no distanciamento proposto por *eu-tu*, como podemos ver na citação a seguir: “mas a mim parecia-me que me afastavam ainda mais do caso, reduziam-me a zero e, de certa forma, substituíam-me” (2014, p. 95), é uma análise que me faz pensar sobre a reversibilidade na obra, e como esse traçado pronominal no texto, através das marcas linguísticas, evoca uma discussão filosófica sobre a ausentificação do sujeito nas instâncias de poder, como o tribunal no qual Meursault passa boa parte da segunda parte do livro.

Condenado à prisão, Meursault, personagem-narrador na obra, vê a sua posição pronominal alternar-se, deixando de ser aquele que propõe e participa da reversibilidade com um *tu*, para se tornar um *ele*, aquele que possui uma presentificação ausente. Contudo, é na fala do advogado que Meursault sofre um segundo distanciamento, uma nova maneira de ver-se aniquilado. Ao deixar de se propor como *eu*, sendo colocado na instância de 3<sup>a</sup> pessoa pelo tribunal, temos o advogado dizendo “*eu*”, em lugar de Meursault, fazendo com o personagem julgado deixe de sentir que está participando do seu próprio julgamento, já que lhe é tolhida a possibilidade de dizer “*eu*”, assim passa a compreender que a existência absurda em meio ao julgamento é uma situação normalizada dentro daquela instância de poder. Segundo Camus, a construção do sujeito parte da tríade “absurdo (constatação da falta de sentido no mundo) e revolta (enfrentamento diante da falta de sentido no mundo)”, sobretudo quando lembramos que, em Mito de Sísifo, seu ensaio filosófico de 1942, Camus já nos alertava que “a revolta dá valor à vida”. Essa consciência de mundo e essa revolta diante do absurdo abre margem para que o sujeito do texto evidencie o absurdo do seu deslocamento na marca pronominal e passe a entender sua situação como adversa naquele espaço discursivo.

Com isso, a análise de Meursault nos mostra duas posições de exterioridade desse personagem diante do tribunal, fazendo com que possamos problematizar sobre o seu papel enquanto sujeito, sobretudo com a perda da sua voz e, posteriormente, do seu corpo; assim como identificar onde ocorrem as alternâncias pronominais, identificando também as marcas no texto que servirão de análise para o campo da teorização filosófica. Esse meu primeiro movimento de análise busca acentuar as alternâncias pronominais em um texto literário, no qual temos algumas construções pronominais que visam a intensificar os diversos papéis que os sujeitos podem assumir, sobretudo quando estamos falando sobre a manifestação do sujeito na e pela sociedade. Por fim, para que o sujeito possa existir, através do que se pode ler em Dufour, é necessário que o indivíduo faça parte destes espaços e são nestes espaços que, naturalmente, ocorrem relações contratuais. São nesses espaços que ocorrem o surgimento do sujeito e a sua desaparição diante do seu “trajeto no mundo simbólico” (DUFOUR, 2000, p. 78).

#### **4. CONCLUSÕES**

O trabalho apresentado aqui e que será utilizado como base para a apresentação na 9<sup>a</sup> Semana Integrada de Inovação, Ensino, Pesquisa e Extensão (SIIEPE), provém de 3 anos de pesquisa como doutorando no Programa de Pós-Graduação em Letras na Universidade Federal de Pelotas, na linha de texto, discurso e relações sociais e como bolsista CAPES. A problemática envolvendo a tríade pronominal e a sua aproximação com os estudos filosóficos e literários são consequências de permissões provindas e questionadas anteriormente por Émile Benveniste, sobretudo com relação aos estudos realizados na 5<sup>a</sup> parte do *Problemas de Linguística Geral I*, na sessão intitulada *Homem na Língua*.

É a partir do traçado que fundamenta a discussão sobre língua e linguagem, em meio aos estudos de subjetividade, que Benveniste nos autoriza a adentrar aos estudos de linguagem na sua relação com a poética. A partir de uma leitura feita em Benveniste, podemos conceber para a análise na literatura uma nova criação a partir do nosso novo olhar cada vez que adentramos à obra. A discussão sobre a linguagem poética, principalmente a partir do texto *Semiologia da Língua* (1969), abre frestas para compreendermos que a arte, no que compete ao semântico, lança luz para um novo projeto; ao passo que os estudos da linguagem adquirem uma nova perspectiva a partir da sua interrelação com a obra literária, a própria obra passa a ser vista como aquela que possui em si uma própria constituição do semiótico.

A abertura que Benveniste lança nos leva para uma análise na obra de Dufour, que alastra o pensamento benvenistiano sobre o trinitário da língua. A relação entre o *eu*, o *tu* e o *ele* propõe novas maneiras de enxergar a progressão do sujeito não só na sociedade, mas no nosso novo olhar para o objeto que aqui foi brevemente analisado. No que compete ao *ele*, o deixar de ser para si e para o outro para não existir em lugar algum, é o mote para compreendermos, neste trabalho, o papel do personagem-narrador na obra de Albert Camus. A partir do que foi apresentado até aqui, portanto, pode-se emergir na teorização, na fundamentação teórica que permite, por fim, revisitarmos o texto literário e analisar linguisticamente o seu potencial enquanto material de análise para outros(as) pesquisadores(as) que se interessam pelo entremeio entre filosofia, literatura e os estudos de linguagem. Para concluir, segundo Dufour, “se estamos ainda hoje num espaço trinitário de língua e de pensamento, é porque para administrar a relação vida-morte foi necessário utilizar um dispositivo trinitário” (DUFOUR, 2000, p. 324). Dufour dedica-se a pensar sobre o que chama de “fenômenos linguísticos” para mostrar que, quando se verbaliza, “todo fato só pode se dar na e pela língua” (2000, p. 325).

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENVENISTE, Émile. Estrutura das relações de pessoa no verbo (1946). In: **Problemas de linguística geral I**. Campinas, SP: Pontes, 2005. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Néri.

BENVENISTE, Émile. Natureza dos pronomes (1956). In: **Problemas de linguística geral I**. Campinas, SP: Pontes, 2005. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Néri.

CAMUS, Albert. **O Estrangeiro**. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2014.

DUFOUR, Dany-Robert. **Os mistérios da trindade**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000. Trad. Dulce Duque Estrada.

TEIXEIRA, Marlene. O estudo dos pronomes em Benveniste e o projeto de uma ciência geral do homem. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo** - v. 8 - n. 1 - p. 71-83 - jan./jun. 2012. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/2639>. Acesso em: 28 ago. 2023.